

A NOÇÃO DE INTERSECCIONALIDADE NA OBRA “QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO NEGRO?”

Laise Araujo Costa Oliveira¹

Resumo: Trata-se de uma investigação inicialmente em torno da noção de interseccionalidade — que é o estudo das posições de identidades sociais e sistemas relacionados à opressão, dominação e discriminação —, a partir da análise do livro de ensaio autobiográfico da escritora Djamila Ribeiro, intitulado *Quem tem medo do feminismo negro?* Na obra, a autora rememora fatos ocorridos para discutir o “silenciamento”, o processo de apagamento da personalidade pelo qual passou e que é um dos muitos resultados da discriminação que a própria autora revela ter sofrido por muitos anos de sua vida. Djamila Ribeiro é mestra em filosofia política pela Unifesp, ativista do feminismo negro e coordena a coleção *Feminismos Plurais*, da editora Letramento, pela qual lançou o seu primeiro livro *O que é lugar de fala* (2017). Conforme a autora, o conceito de “lugar de fala” é de suma importância para debater temáticas que envolvam o papel das mulheres negras nas lutas feministas. Considerando essa hipótese trazida pela autora, o objetivo é analisar de que forma o feminismo negro vem desconstruir os silêncios causados pelo racismo. Para atingir tal objetivo, utilizaremos a pesquisa qualitativa com direcionamento bibliográfico de análise documental, com definição fenomenológica e abordagem hermenêutica. No que diz respeito ao recurso fenomenológico, ele será utilizado na pesquisa para identificar, a partir da ênfase inicial nos textos de Djamila Ribeiro, a) aspectos convergentes entre as autoras e os autores integrantes da coleção *Feminismos Plurais*, dirigida por ela, e b) a dinâmica de produção das escritoras e dos escritores dessa coleção, bem como a de circulação de suas obras. Espera-se com essa investigação oferecer uma contribuição para a reflexão a respeito do silenciamento discursivo e do lugar de fala da mulher negra na sociedade como um todo, assim como verificar dinâmicas de enfrentamento contemporâneas.

Palavras-Chave: Interseccionalidade. Lugar de fala. Silêncio. Mulher.

INTRODUÇÃO

O termo “interseccionalidade” surge com grande força na década de 1990. Foi utilizado inicialmente na década de 1960 e 1970 pela feminista negra norte americana Kimberlé Crenshaw, diante da necessidade de articular as diversas opressões de gênero, raça e classe. Entender as diversas formas das opressões que as mulheres negras sofrem é de suma importância para entender o silêncio existente na obra *Quem tem medo do feminismo negro?*, já que a transgressão feminina implica conceituar o termo, que é uma violação dos padrões sociais estigmatizados. A relação feminina com a transgressão é o rompimento do silêncio por parte dessa mulher de corpo invisível, subalterno, disciplinado. O feminismo negro teve o papel fundamental e preciso no engendramento do que viria a ser ordenado no conceito de interseccionalidade. Na década de 1980, obras de autoras negras fundamentais, tais como, *Sister Outsider*, de Audre Lorde, e *Feminist Theory: from Margin to Center*, de bell hooks, surgem como vozes que associavam críticas ao que se convencionou chamar de “feminismo branco”, no contexto de proposições em torno da necessidade de uma teoria

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: laikaise@hotmail.com.

feminista que correspondesse à realidade das opressões e das experiências vividas por mulheres negras, trabalhadoras, lésbicas etc. (hooks, 1984; LORDE, 2007).

O silêncio feminino reflete-se de acordo com a história de subordinação das mulheres pelo homem branco, heterossexual, com pensamento universal em que a opressão e exploração das mulheres são reveladas na relação gênero-sexo, masculino e feminino culturalmente produzidos. A origem da concepção gênero-sexo está relacionado tanto à cultura quanto ao biológico. Nessa perspectiva, a construção de gênero se dá na cultura, quando se atribuiu um valor ao gênero masculino de forte e superior e ao gênero feminino o inverso. Com isso, criou-se o sentido de subordinação das mulheres pelos homens. Porque os sistemas gênero-sexo historicamente realizados nessa relação masculino e feminino revelariam a opressão, exploração e “os silêncios” das mulheres pelos homens. No ensaio autobiográfico, Djamilia revela, ao rememorar a sua juventude, que um garoto na escola sempre a xingava, proferindo insultos racistas. As desigualdades sociais atribuídas aos sexos “tornam as diferenças” de ordem biológica em diferenças hierarquizadas, que, ao estabelecer como relação de poder, passa a ser cultural. Comprova-se que a desigualdade de papéis sociais atribuído aos sexos são culturais.

O texto de Guacira L. Louro, que aborda a diferença sexual, traz uma citação de Teresa de Lauretis, uma importante estudiosa feminista, que lembra que o significado da diferença sexual está muito próximo da expressão “anatomia-destino” que, segundo ela, há pouco avanço em dizer que a diferença sexual é cultural, pois o problema que permanece é de conceber as diferenças consideradas culturais, sociais, subjetivas em relação ao homem, sendo ele, a medida, o padrão, a referência de todo discurso legitimado (LAURETIS apud LOURO, 1997, p. 33). Isso carrega uma ideia dicotômica entre o masculino e o feminino que constitui uma oposição entre o pólo dominante e pólo dominado, sendo a única forma de relação dos dois elementos. Mas, por sua vez, Guacira Lopes (1997, p. 33) afirma que “os grupos dominados são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão, lugares de resistência e de exercício de poder”.

1 O FEMINISMO NEGRO, SEGUNDO DJAMILA RIBEIRO

Quem tem medo do feminismo negro? é o livro de ensaio autobiográfico da autora Djamilia Ribeiro, mestra em filosofia pela Unifesp, em que ela recupera memórias de sua infância e adolescência para discutir o silenciamento que sempre sofreu. Somente após ingressar na Casa da Cultura da Mulher Negra é que ocorre a transgressão, quando entrou em contato com obras de diversas escritoras negras que lhe fizeram ter orgulho de suas raízes. A interseccionalidade é trazida na obra como forma de compreender as opressões de forma articulada. Na obra Djamilia defende a

não universalização das categorias feministas por não se ver dentro daquela categoria defendida pelas feministas brancas, encaradas por Djamila como “cheias de privilégios”, por não se sentir incluída como mulher negra nessa classe feminista. Dessa forma, a autora defende na obra “diferenças” que gerem desigualdades. Senão, vejamos:

A universalização da categoria “mulheres” tendo em vista a representação política foi feita tendo como base a mulher branca de classe média — trabalhar fora sem autorização do marido, por exemplo, jamais foi uma reivindicação das mulheres negras ou pobres. Além disso, essa onda propõe a desconstrução das teorias feministas e das representações que pensam a categoria de gênero de modo binário, ou seja, masculino/feminino” (RIBEIRO, 2017, p. 45, 46).

Segundo a autora, os movimentos feministas no Brasil ocorrem em três momentos. No século XIX, ocorre a primeira onda, em que grandes mulheres tiveram o seu reconhecimento dentro do movimento, tais como Nisia Floresta, marcado pela busca do direito ao voto, vida pública e o direito ao trabalho sem a autorização do marido. No segundo momento, a segunda onda, além de lutar pela valorização do trabalho da mulher, contra a violência sexual e o combate à ditadura militar, ganha força na década de 1970 na luta para que as mulheres negras fossem vistas como sujeitos políticos. O terceiro momento ocorre com a terceira onda na década de 1990, quando buscavam a visibilidade de determinado grupo de mulheres abolindo qualquer estereótipos ligados ao gênero.

2 DJAMILA RIBEIRO E A SUA RELAÇÃO COM A COLEÇÃO “FEMINISMOS PLURAIS”

Djamila Taís Ribeiro dos Santos nasceu em Santos, no interior de São Paulo, filha de um comunista, militante, um pai que mesmo com pouco estudo era um homem sábio e sempre lutou para que a filha estudasse nas melhores escolas da cidade. O nome Djamila, de origem africana, foi escolha por esse pai por quem ela sente muito orgulho. Enquanto ativista, aos 18 anos se envolveu com a Casa da Cultura da Mulher Negra, uma organização não governamental santista. Lá aprendeu muito do que é hoje principalmente a se reconhecer como mulher negra. Passou a estudar temas relacionados a gênero e raça. Graduou-se em Filosofia pela Unifesp, em 2012, e tornou-se mestre em Filosofia Política na mesma instituição, em 2015, com ênfase em teoria feminista. Em 2005, interrompeu uma graduação em Jornalismo para trabalhar. Suas principais atuações são nos seguintes temas: relações raciais e de gênero e feminismo. Atualmente é colunista da Folha de São Paulo, Marie Claire e da Carta Capital. Além disso, possui uma forte presença nas redes sociais e digitais, pois acredita que é importante apropriar a internet como uma ferramenta na militância das mulheres negras, já que, segundo ela, a “mídia hegemônica” costuma invisibilizá-las. Coordena a coleção Feminismos Plurais em que, junto a outros autores negros, lançou o livro *O lugar de fala*, em 2017.

O objetivo da coleção *Feminismos Plurais* é trazer para os leitores questões relacionadas aos diversos feminismos de forma didática e acessível. Por essa razão, o Grupo Editorial Letramento com a organização da Djamilia idealizou produções intelectuais de grupos historicamente marginalizados, inicialmente com o feminismo negro para explicitar os principais conceitos e romper com a ideia de que não se está discutindo projetos. A autora deixa claro no início do livro *O que é o lugar de fala?* (2017), que é comum dizer que o feminismo negro traz cisões ou separações, quando é justamente o contrário.

Pretende-se, no presente projeto, intitulado; *A noção de interseccionalidade na obra Quem tem medo do feminismo negro?*, trabalhar três aspectos:

1 — Feminismo negro pela ótica da interseccionalidade;

2 — Interseccionalidade e lugar de fala em Djamilia Ribeiro;

3 — A coleção *Feminismos Plurais* — novas formas de organização das produções intelectuais de grupos historicamente marginalizados, dentre elas, a das mulheres feministas negras; formas tais como: produção editorial, meios de divulgação, uso das mídias social, etc.

A Coleção é composta pelos autores: Carla Akotirene, com o livro *Interseccionalidade*; Djamilia Ribeiro, com o livro *O que é o lugar de fala*; Adilson Moreira, com o livro *Racismo recreativo*; Silvio Almeida, com o livro *Racismo Estrutural*; Joice Berth, com o livro *Empoderamento*; e Juliana Borges, com o livro *Encarceramento em massa*.

REFERÊNCIAS

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libânio. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

FONTES, Maria Helena Sansão. A valorização da mulher e a transgressão feminina na obra de Chico Chico Buarque. In: *VII Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Niterói: Ed. UFF, 1999, p. 279-276.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 14-55.

LORDE, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches by Audre Lorde*. Berkeley: Crossing Press, 2007.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Pólen, 2017. (Coleção *Feminismos Plurais*).

RIBEIRO, Djamilia. [Página/Perfil da rede social Facebook]. Disponível em: <https://www.facebook.com/djamila.ribeiro.1>.

RIBEIRO, Djamilia. *Quem tem medo do feminismo negro?*. Belo Horizonte, 2018.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo do imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.